

## AS PROJEÇÕES FIGURATIVAS E SEU “NOVO” *STATUS* NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM E NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Thais Fernandes SAMPAIO<sup>84</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta e discute os aspectos centrais da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]; LAKOFF, 1987,1993) e da Teoria Integrada da Metáfora Primária (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Contrapomos essas teorias à concepção tradicional de metáfora como figura de linguagem, enfatizando o estatuto cognitivo que a Linguística Cognitiva lhe confere. Consideramos, ainda, as discussões sobre a interação entre Metáforas e Metonímias (BARCELONA, 2003) e a questão do Escopo da Metáfora (KÖVECSES, 2002). O artigo é concluído com algumas considerações acerca do papel das projeções figurativas no ensino de língua materna.

**Palavras-chave:** Metáfora conceptual. Metonímia. Linguística Cognitiva.

**Abstract:** *This paper presents and discusses the key aspects of the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]; LAKOFF, 1987,1993) and Integrated Theory of Primary Metaphor (LAKOFF; JOHNSON, 1999). We contrast these theories to the traditional conception of metaphor as figure of speech. We also examine the discussions about the interaction between metaphor and metonymy (BARCELONA, 2003) and the issue of the Scope of Metaphor (KÖVECSES, 2002). The conclusion section brings some reflections on the role of figurative language in mother tongue teaching.*

**Keywords:** *Conceptual metaphor. Metonymy. Cognitive Linguistics.*

*"Com as palavras todo cuidado é pouco, mudam de opinião como as pessoas."*

(José Saramago, *As Intermitências da Morte*)

A advertência de Saramago nos parece bastante apropriada para iniciarmos este artigo. Dizemos isto porque, nos textos em que discute uma nova teoria da metáfora, Lakoff (1987; 1993) nos lembra que uma mudança de teoria é, necessariamente, acompanhada de uma mudança no significado de determinada terminologia. No caso do termo *metáfora*, normalmente não atentamos para o fato de que seu uso em discussões

---

<sup>84</sup> Departamento de Letras, Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerias, Brasil.  
[thais.fernandes@ufjf.edu.br](mailto:thais.fernandes@ufjf.edu.br)

teóricas e nos meios não acadêmicos foi definido em relação a uma teoria específica, que, de tão difundida e não questionada, consolidou a sua definição como *a definição correta* de metáfora.

Tradicionalmente, os estudos sobre metáfora reverenciam Aristóteles como o primeiro autor a apresentar uma teoria sobre a metáfora e destacam sua influência sobre tudo que foi escrito depois acerca do tema. Trabalhos mais modernos, entretanto, costumam criticar Aristóteles, responsabilizando-o pelo tipo de tratamento – *equivocado* – que a tradição ocidental reservou à metáfora ao longo do século XX. Finalmente, outros estudiosos, como Leezenberg (2001), acreditam que o que Aristóteles escreveu sobre metáfora é pouco, tanto para justificar a reverência de uns quanto a crítica de outros. E o mesmo aconteceria com os escritos de outros estudiosos, daquela que Leezenberg (2001) considera a *Pré-História da Metáfora*, como Abd al-Qâhir al-Jurjâni ou Giambattista Vico.

De todo modo, mais relevante do que uma investigação detalhada sobre as origens dos estudos sobre a metáfora (e uma possível atribuição de mérito ou culpa), nos parece mais interessante a identificação e a caracterização daquela que foi a abordagem predominante sobre o tema, ao longo do último século dos estudos da linguagem. Tal identificação e caracterização nos servirão de ponto de partida para a apresentação da “Teoria da Metáfora Conceptual” (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]; LAKOFF, 1987; 1993), que é a teoria de metáfora abraçada pela Linguística Cognitiva Contemporânea. Também abordamos, neste artigo uma outra projeção figurativa – a metonímia – e a sua relação com a metáfora. Além disso, tratamos, ainda que brevemente, da questão do escopo da metáfora, nos termos propostos por Kövecses (2002).

Ainda hoje, apesar dessa nova abordagem ter começado a se desenvolver já no final do século passado, a noção mais comum de metáfora, tanto nos círculos acadêmicos como na mente popular, é a de que metáfora é uma figura de linguagem, na qual uma coisa é comparada à outra, por afirmações do tipo "A é B". Como resumido por Zoltán Kövecses (2002, p. vii), esse conceito tradicional pode ser caracterizado por cinco pontos:

(i) a metáfora é uma propriedade das palavras e, portanto, um fenômeno estritamente linguístico;

- (ii) a metáfora é usada com algum propósito artístico ou retórico;
- (iii) a metáfora se baseia numa comparação que estabelece semelhanças entre duas entidades;
- (iv) a metáfora é um uso consciente e deliberado das palavras e demanda um talento especial, que, normalmente, é exclusivo dos grandes poetas ou oradores eloquentes;
- (v) a metáfora é uma figura da linguagem sem a qual podemos viver perfeitamente bem, pois ela só deve ser usada para "efeitos especiais", não sendo uma característica inevitável da comunicação humana.

Essa é a visão de metáfora que direcionou o tratamento da questão por muito tempo. E é por conta dessa visão, tão profundamente arraigada, que, ao apresentar a metáfora como objeto de estudo, chegamos a ouvir comentários do tipo: "*Ué, você faz Literatura? Achei que você fosse da Linguística!*".

O fato é que, desde o final do século passado, a metáfora e a metonímia vêm conquistando um novo *status* nos estudos da linguagem. Atualmente, pelo menos no âmbito da Linguística Cognitiva, já é consenso que (KÖVECSES, 2002, p. viii):

- (i) a metáfora é uma questão de conceitos e não de palavras;
- (ii) a função da metáfora é facilitar o entendimento de certos conceitos; ela não tem uma função simplesmente artística ou retórica;
- (iii) frequentemente, a metáfora não é baseada em similaridade;
- (iv) a metáfora é usada, sem qualquer esforço, na linguagem cotidiana de pessoas comuns; e não apenas em situações específicas, por pessoas especialmente talentosas;
- (v) longe de ser um supérfluo, embora agradável, ornamento linguístico, a metáfora é um processo inevitável no pensamento humano.

Esse desafio à noção tradicional foi apresentado pela primeira vez de modo coerente e sistemático por Lakoff e Johnson, em 1980, com o livro *Metaphors we live by* (em português, *Metáforas da vida cotidiana*, 2002). Esses autores seguiram o caminho analítico aberto por Reddy (1979), em artigo publicado um ano antes. A partir da análise rigorosa de enunciados linguísticos em inglês, Reddy identificou a *Metáfora do Conduto* (*The Conduit Metaphor*, 1979), que, segundo sua análise, estruturaria o

modo de conceptualizar a comunicação e, conseqüentemente, influenciaria os pensamentos e a ação dos falantes da língua inglesa. Assim, Lakoff e Johnson, numa pesquisa mais ampla, também analisaram um grande número de expressões linguísticas e inferiram um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem, que, de fato, teria influência sobre o nosso modo de pensar e sobre o nosso modo de agir. Consideremos os exemplos abaixo:

(1) *A **taxa de mortalidade** das pequenas empresas no Brasil é de assustar: cerca de 50%, segundo o Sebrae, **morrem no primeiro ano de vida** - o que torna arriscadíssimo trabalhar para qualquer uma delas. Em geral, os casos de falência prematura acontecem com o sujeito* (Revista Você S. A.)

(2) *O panorama das empresas está cheio de **esqueletos** de boas ideias que **morreram** por serem **órfãs**. Uma vez que quase sempre surgem sem o apoio da empresa, segundo Smith, elas geralmente carecem de um campeão.* (Revista Exame)

(3) *O segredo é não dar seqüência e deixar o assunto **morrer**. É aquele velho ditado às avessas: quem não procura não acha.* (Revista Cláudia)

(4) *O cinema não **morreu** com o videocassete, o rádio não **sucumbiu** à televisão, e todos vão **sobreviver** à internet. Mas os hábitos mudam com velocidade cada vez ... 24/08/2006 12:25* (Revista Exame)

Esses enunciados, como indicam as referências, não foram encontrados em nenhuma grande obra da literatura nacional nem no discurso de algum mestre da oratória. São exemplos de linguagem comum e revelam o nosso modo de conceptualizar *empresas, ideias, assuntos* e outras *criações humanas*. Algumas das metáforas que aparecem em nossa linguagem cotidiana são extremamente comuns, do tipo que se classifica, às vezes, de *metáforas mortas*. Trata-se de metáforas tão convencionalizadas, tão desgastadas pelo uso, que teriam deixado de ser metáforas. Quanto a isso, Kövecses (2002) faz uma observação bastante pertinente:

Essa noção de "metáfora morta" deixa de lado um ponto importante: o que está profundamente arraigado, dificilmente notado e, portanto,

usado sem qualquer esforço é exatamente o que está mais ativo em nossa mente. O fato de certas metáforas serem altamente convencionalizadas e usadas automaticamente não significa que elas perderam seu vigor [...]. Ao contrário, elas estão vivas no sentido mais importante – elas governam nosso pensamento – elas são "*metaphors we live by*". (KÖVECSES, 2002, p. xi, tradução nossa)

Nessa nova perspectiva, o termo metáfora adquire um novo sentido: *é um mapeamento parcial entre domínios do sistema conceptual*. Para entendermos como se dá esse mapeamento e o que os linguistas cognitivistas querem dizer quando afirmam que as metáforas governam nosso pensamento e influenciam nossas ações, consideremos o ponto de partida dessa revolução no modo de entender e estudar a metáfora – a Teoria da Metáfora Conceptual.

### **A Teoria da Metáfora Conceptual**

O livro *Metaphors we live by* (LAKOFF; JOHNSON, 1980) foi, como já observamos, um marco nos estudos sobre a metáfora, pois forneceu subsídios para que essa questão fosse revisitada sob uma nova perspectiva. Nesse livro, os autores: (i) demonstram que muitos dos nossos conceitos básicos (como quantidade, tempo, ação, etc.) são compreendidos metaforicamente, (ii) discutem a sistematicidade das metáforas; (iii) propõem uma classificação básica das mesmas; (iv) questionam os pressupostos básicos da teoria tradicional de metáfora. Após a análise de inúmeros exemplos, os autores concluem que a metáfora desempenha um papel importante na nossa compreensão do mundo, da cultura e de nós mesmos.

Em 1993, em seu trabalho *The Contemporary Theory of Metaphor*, Lakoff retoma a discussão sobre os aspectos principais dessa teoria, apresentando-a de forma mais coesa. Nesse texto, partindo da análise do enunciado em inglês "*Our relationship has hit a dead-end street.*", afirma que este enunciado mostra o amor sendo conceptualizado como uma viagem e prova (com outros exemplos do tipo: *Look how far we've come. We can't turn back now. We're at a crossroads.*) que este não é um caso isolado na língua inglesa.

A ocorrência de enunciados como os abaixo demonstra que essa forma de conceptualizar o amor também faz parte do sistema conceptual dos falantes de português:

(5) *É aliviador quando isso ocorre, pois a relação se fortalece e as pessoas percebem que são capazes de proceder com maturidade. Mas o tempo pode também ser o arquiteto de um **beco sem saída** para o relacionamento, a depender de como o casal lida com as pequenas situações do dia-a-dia e da atitude que um assume perante o outro na lida com o simples e o rotineiro.*  
 ([http://www.senado.gov.br/sf/senado/portaldoservidor/jornal/jornal74/comportamento\\_a\\_mor.aspx](http://www.senado.gov.br/sf/senado/portaldoservidor/jornal/jornal74/comportamento_a_mor.aspx))

(6) *2 viajantes e 2 sonhadores q podem **embarcar juntos** num feliz namoro.*  
 (<http://princesinha.weblogger.terra.com.br/index.htm>)

(7) *Casais podem querer formalizar a união porque tiveram filhos, perceberam que a **relação chegou** a um novo patamar ou simplesmente querem comemorar o fim de uma bem sucedida busca de alguém especial.*  
 ([http://delas.ig.com.br/materias/182001-182500/182253/182253\\_1.html](http://delas.ig.com.br/materias/182001-182500/182253/182253_1.html))

(8) *Andreza e Júlio Quero deixar expressos os meus votos de alegria **no caminho que começarão a percorrer juntos**. Permitam-me lembrá-los que, o casamento tem que ter como base sempre a confiança, a amizade, o amor e acima de tudo a cumplicidade!*  
 ([http://www.sardenbergpoesias.com.br/livro\\_visitas.php?livro=5&di=68](http://www.sardenbergpoesias.com.br/livro_visitas.php?livro=5&di=68))<sup>85</sup>

Diante da constatação os enunciados analisados não representavam um caso isolado, Lakoff se coloca dois questionamentos básicos:

(i) Existiria um princípio geral que governaria o modo como essas expressões linguísticas sobre viagem são usadas para caracterizar o amor?

---

<sup>85</sup> Esses exemplos foram encontrados através de um site de busca ([www.google.com.br](http://www.google.com.br)) e são usados aqui para ilustrar a ocorrência, em português, de enunciados semelhantes aos analisados por Lakoff (1993).

(ii) Existiria um princípio geral que governaria o modo como os nossos padrões de inferência sobre viagens são usados para raciocinar sobre o amor quando tais expressões são usadas?

Segundo ele, a resposta para os dois questionamentos é sim. Haveria, inclusive, um único princípio geral que resolveria as duas questões: a metáfora conceptual – envolvendo a compreensão de um domínio de experiência (nesse caso, *o amor*), em termos de um domínio completamente diferente (nesse caso, *a viagem*).

Em termos mais técnicos, a metáfora é, nessa perspectiva, o mapeamento parcial de um domínio-fonte em um domínio-alvo, de modo que o segundo domínio é parcialmente compreendido em termos do primeiro. Insistimos no caráter parcial desse mapeamento porque nenhuma projeção metafórica dá conta de todos os aspectos do domínio-alvo em questão. A nossa concepção de amor, por exemplo, não é exclusivamente fundamentada na nossa experiência sobre viagens. E, por outro lado, não é todo o nosso conhecimento sobre viagens que é projetado para o domínio do amor; a projeção é sempre seletiva. Enfim, esse mapeamento nos ajuda a compreender alguns aspectos dos relacionamentos amorosos, mas não todos eles.

De qualquer forma, tal mapeamento é rigidamente estruturado e prevê uma série de correspondências ontológicas, nas quais entidades do domínio-fonte correspondem sistematicamente a entidades do domínio-alvo. Essa sistematicidade das projeções figurativas nos leva ao que Lakoff (1993) chama de “Princípio da Invariância”. A hipótese de Lakoff é que "os mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva (ou seja, os esquemas imagéticos) do domínio-fonte, de um modo consistente com a estrutura inerente ao domínio-alvo" (1993, p.10). Nesse sentido, o Princípio da Invariância deve ser entendido em termos de restrições das correspondências fixas, pois, segundo Lakoff, não se trata de *pegar* o esquema imagético da fonte e *colar* no alvo. Pelo contrário, a ideia é que, se observarmos as correspondências já existentes, veremos a aplicação deste Princípio. Por exemplo, em projeções que envolvem o esquema de trajeto, os pontos de origem são mapeados em pontos de origem, os destinos em destinos, o trajetor em trajetor, e assim por diante.

De fato, o Princípio da Invariância não é ponto pacífico nas discussões acerca de metáforas, nem mesmo no âmbito da Linguística Cognitiva. Entretanto, de modo geral,

as diferentes posições a respeito preservam a noção de *projeções seletivas, marcadas pela coerência de padrões inferenciais e lexicais projetados da fonte para o alvo*.

Utilizando a notação apresentada em Lakoff e Johnson (1980 [2002]) – DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE – teríamos, nesses primeiros exemplos analisados por Lakoff, realizações linguísticas da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM. Tal metáfora engloba o conjunto de correspondências ontológicas (inclusive as potenciais) que caracterizam esse mapeamento específico:

O AMOR É UMA VIAGEM

- A relação amorosa corresponde ao veículo;
  - As metas comuns dos amantes correspondem aos seus destinos comuns na viagem;
  - As dificuldades no relacionamento correspondem aos obstáculos na viagem;
- etc.

Nesse ponto, Lakoff (1993) nos chama a atenção para o fato de que o nome do mapeamento não deve ser confundido com o mapeamento em si. O nome O AMOR É UMA VIAGEM representa, como já dissemos, todo o conjunto de correspondências ontológicas que caracterizam correspondências epistêmicas, através do mapeamento do nosso conhecimento acerca de viagens sobre o nosso conhecimento acerca de amor. Os nomes das metáforas têm, normalmente, uma forma proposicional, mas as metáforas, nessa teoria, não são proposicionais; elas são conjuntos de correspondências conceptuais.

Nesse texto de 1993, Lakoff revela que foi convencido de que a metáfora não é uma figura de linguagem, mas uma maneira de pensar, pela análise da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM e pela metáfora do conduto identificada e analisada por Reddy (1979). Segundo Lakoff, esses dois casos teriam evidenciado três características importantes da metáfora, incompatíveis com a visão tradicional da mesma: (i) a sistematicidade das correspondências linguísticas; (ii) o fato de a metáfora governar o raciocínio e o comportamento baseado nesse raciocínio; (iii) a possibilidade de se compreender novas realizações em termos de correspondências já convencionalizadas.

Assim, diante dessa nova maneira de conceber a metáfora, a Linguística Cognitiva assume como um de seus pressupostos básicos que muito do modo como realizamos julgamentos subjetivos (sobre importância, similaridade, moralidade, etc.) e

do modo como conceptualizamos nossas experiências subjetivas (de desejo, afeição, raiva, etc.) vem de outros domínios de experiência, principalmente dos domínios sensório-motores. E para tentar entender por que existe um grupo tão grande de metáforas conceptuais, como elas são aprendidas, quais os mecanismos que nos permitem pensar metaforicamente e outras questões do tipo, Lakoff e Johnson (1999) reúnem quatro linhas diferentes de investigação para propor o que eles chamarão de “Teoria Integrada da Metáfora Primária”.

A primeira dessas linhas de investigação é a “Teoria da Fusão” de Christopher Johnson. A ideia de Johnson (apud LAKOFF; JOHNSON, 1999) é que na primeira fase da vida humana as experiências e os julgamentos subjetivos estão tão regularmente fundidos às experiências sensório-motoras que, durante algum tempo, a criança não consegue distinguir as duas coisas quando elas acontecem juntas. Isso faz com que, nesse período, sejam construídas automaticamente associações entre domínios de experiência distintos. Por exemplo, para uma criança pequena, a experiência subjetiva de afeição está tipicamente correlacionada à experiência sensório-motora do aquecimento do colo. Assim, as associações construídas, durante o período da fusão, entre a experiência subjetiva do afeto e a experiência sensório-motora do aquecimento farão com que, mesmo depois de sermos capazes de distinguir os dois domínios, falemos em *sorriso caloroso*, *cumprimento frio* ou *recepção morna*.

A segunda linha de investigação é a “Teoria da Metáfora Primária” de Joe Grady, que toma como base a teoria da fusão de Johnson. Para Grady (1997), as associações interdomínios, formadas ao longo do período da fusão, dão origem às metáforas primárias, que formam pares entre experiências e julgamentos subjetivos, de um lado, e experiências sensório-motoras de outro.

Essas metáforas primárias seriam, na teoria de Grady (1997), como partes metafóricas atômicas da estrutura molecular das metáforas complexas. Nesse sentido, seria através da integração de metáforas primárias que construiríamos as metáforas complexas.

A terceira linha de investigação aproveitada por Lakoff e Johnson é a “Teoria Neural” de Srinivas Naranayan, segundo a qual (apud LAKOFF; JOHNSON, 1999) as associações do período da fusão seriam realizadas em um nível neural com ativações simultâneas, resultando em conexões neurais permanentes. Tais conexões formariam a base anatômica das ativações fonte-alvo que constituem os vínculos metafóricos.

Finalmente, a quarta linha de investigação vai dar conta do processo de formação das metáforas complexas. A “Teoria da Mescla Conceptual” de Fauconnier e Turner (2002) mostra, entre outras coisas, como a coativação de domínios conceptuais distintos pode, sob determinadas condições, formar novas conexões interdomínios, promovendo novas possibilidades de inferência. Esse é, na teoria de Grady (1997), o processo através do qual metáforas complexas são formadas a partir de metáforas primárias. De fato, a teoria da mesclagem tem desempenhado papel extremamente relevante nos estudos atuais sobre metáforas, principalmente, no que diz respeito à criação e à compreensão de metáforas complexas.

Para Croft e Cruse (2004), inclusive, o modelo inicial de Lakoff e Johnson (1980 [2002]) não captura aquele que, para eles, é o traço mais característico da metáfora: o de que ela envolve não apenas a ativação de dois domínios e não apenas correspondências entre eles, mas envolve também uma integração desses domínios e, muitas vezes, a emergência de novos elementos e/ou novas inferências. E esse traço é, como vimos, capturado pela teoria da mesclagem.

De fato, a proposta de Fauconnier e Turner é que os espaços de *input* que dão origem ao espaço mescla podem estar ligados um ao outro por meio de uma relação fonte-alvo, isto é, podem constituir um caso de metáfora conceptual. De modo geral, constituem metáforas primárias que, via processo de integração conceptual, dão origem a metáforas complexas.

### **A Metonímia e sua Interação com a Metáfora**

Na visão de Antonio Barcelona (2003a), a teoria cognitiva da metáfora e da metonímia se encontra diante de três desafios. O primeiro deles diz respeito às importantes mudanças pelas quais a teoria está passando, o que envolve tentativas de fornecer definições mais precisas desses termos – principalmente em relação às metonímias –, novas propostas de distinção entre metáfora e metonímia e a busca pelas bases experienciais das mesmas. O segundo desafio está relacionado à investigação sobre a interação entre metáfora e metonímia. E, finalmente, o terceiro desafio está ligado às novas tendências na aplicação da teoria cognitiva da metáfora e da metonímia, como o desenvolvimento de técnicas operacionais para a identificação de metáforas nos

textos e a continuação da investigação sobre a interação entre metáfora/metonímia e gramática.

Embora seja reconhecida como um mecanismo imaginativo tão importante e recorrente no pensamento humano como a metáfora, a metonímia, de modo geral, tem recebido menos atenção da Linguística Cognitiva. Segundo a definição de Barcelona (2003a), a metonímia é uma projeção conceptual através da qual um domínio de experiência (o alvo) é parcialmente entendido em termos de um outro domínio de experiência (a fonte), com a ressalva de que esses domínios devem estar incluídos num domínio experiencial comum mais amplo. Nos termos de Gunter Radden (2003), a diferença entre metonímia e metáfora é que a primeira é o mapeamento entre elementos de um mesmo domínio conceptual e a segunda é o mapeamento de um domínio conceptual em um outro domínio completamente diferente.

A noção de domínio conceptual que aparece nessas definições é exatamente o que cria, para alguns estudiosos, um problema na distinção entre metáfora e metonímia, conforme argumenta Barcelona (2003a). Do modo como são concebidos pela Linguística Cognitiva Contemporânea, os domínios cognitivos têm um carácter enciclopédico, incluindo tudo que uma pessoa sabe sobre uma determinada área de experiência. Desse modo, eles não apresentam limites precisos e podem variar de pessoa para pessoa, o que tornaria imprecisa a distinção entre metáfora e metonímia com base na distinção entre dois domínios cognitivos.

Nesse caso, o que Barcelona sugere é que consideremos a questão da *consciência da separação* entre dois domínios. Com isso, a metáfora seria o mapeamento de um domínio em outro, ambos sendo convencional e conscientemente reconhecidos e classificados como domínios distintos. Quando tal reconhecimento consciente não fosse possível, teríamos um caso de metonímia.

De todo modo, para Barcelona (2003a), as metáforas e metonímias são tipos fundamentais de modelos cognitivos, são experiencialmente motivadas e podem ser usadas para propósitos pragmáticos imediatos. E essa concepção de metáforas e metonímias como "modelos" sublinha sua estabilidade como parte do nosso equipamento cognitivo.

Uma questão que vem atraindo a atenção de muitos linguistas cognitivos é a motivação metonímica da metáfora. Segundo Barcelona (2003a), há muito tempo se notou que muitas metáforas são conceptualmente motivadas por uma metonímia. Seria o

caso, por exemplo, de reconhecer nas metáforas TRISTEZA É PARA BAIXO/ FELICIDADE É PARA CIMA a metonímia EFEITO COMPORTAMENTAL DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO ou, mais genericamente, EFEITO PELA CAUSA.

Em relação a esse tema, Barcelona (2003b) apresenta uma hipótese que pode ser considerada radical. Este autor afirma que *todo mapeamento metafórico pressupõe um mapeamento metonímico anterior*; ou ainda, que as sementes de qualquer transferência metafórica serão encontradas numa projeção metonímica. Nesse sentido, Barcelona (2003b) identifica dois tipos principais de motivação metonímica para as metáforas. No primeiro tipo, assume-se que um modelo metonímico do domínio-alvo do mapeamento metafórico motiva e restringe a escolha do domínio-fonte. Como exemplo, o autor cita as instanciações metafóricas "cores berrantes" e "música doce", nas quais, segundo sua análise, as metáforas conceptuais são motivadas e restringidas pelo modelo metonímico do alvo. O segundo tipo seria aquele em que a metáfora nasce como uma generalização de uma metonímia. O exemplo analisado por Barcelona, nesse caso, é o da metáfora TRISTEZA É PARA BAIXO, na qual, através de um processo de generalização, o domínio-fonte da metonímia seria reduzido ao domínio puramente espacial, que, então, se tornaria o domínio-fonte da metáfora TRISTEZA É PARA BAIXO.

Radden (2003), por outro lado, propõe que, ao invés de separar definitivamente metáfora e metonímia, seria possível pensar num *continuum*, do qual a metáfora e a metonímia seriam as categorias prototípicas que ocupariam seus extremos. O espaço intermediário, ao longo do *continuum*, seria ocupado pelas chamadas *metáforas com base metonímica*. A metáfora com base metonímica seria um mapeamento envolvendo dois domínios conceptuais reconhecidamente distintos, mas fundamentados em um domínio conceptual comum, recuperável via análise.

De qualquer modo, independente da hipótese assumida, todos reconhecem que essa é uma fértil área de pesquisa, ainda bastante inexplorada. As duas hipóteses – a de Barcelona e a de Radden – carecem de confirmação empírica, o que só será conseguido com pesquisas que se proponham a investigar até que ponto uma rede metafórica de uma língua é motivada por uma rede metonímica correspondente.

## **A Questão do Escopo da Metáfora**

Nos trabalhos sobre metáfora realizados na linha da Linguística Cognitiva, encontramos vários estudos de caso que mostram um domínio-alvo sendo caracterizado por inúmeros domínios-fonte. Em Lakoff (1987), por exemplo, há um estudo que mostra que o conceito de raiva, em inglês, é caracterizado por diferentes domínios-fonte, como:

**RAIVA É CALOR**

**RAIVA É INSANIDADE**

**RAIVA É UM Oponente**

**RAIVA É UM ANIMAL PERIGOSO**

Essa diversidade de domínios-fonte para caracterizar um determinado domínio-alvo é justificada pelo fato de nossos conceitos abstratos envolverem inúmeros aspectos distintos e cada pareamento fonte-alvo – sendo uma projeção parcial – destacar apenas alguns desses aspectos.

Entretanto, Kövecses (2002) propõe uma outra possibilidade de análise. Para ele, o fato de que um único domínio-fonte poder caracterizar vários domínios-alvo nos coloca uma interessante questão empírica e teórica: a quantos e a que tipos de domínios-alvo um único domínio-fonte se aplica? É essa a questão que ele chamará de Escopo da Metáfora – "O conjunto de casos, isto é, os domínios-alvo, aos quais um dado conceito fonte se aplica" (p.108).

Suas ideias acerca do tema são apresentadas a partir da análise do domínio-fonte **CONSTRUÇÃO** e, em seguida, suas hipóteses são aplicadas ao domínio-fonte **FOGO**. As metáforas envolvendo o domínio **CONSTRUÇÃO** que Kövecses afirma ter encontrado, após análise de enunciados em inglês, são:

TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES  
 RELACIONAMENTOS SÃO CONSTRUÇÕES  
 UMA CARREIRA É UMA CONSTRUÇÃO  
 UMA EMPRESA É UMA CONSTRUÇÃO  
 SISTEMAS ECONÔMICOS SÃO CONSTRUÇÕES  
 GRUPOS SOCIAIS SÃO CONSTRUÇÕES  
 UMA VIDA É UMA CONSTRUÇÃO

Dadas tais metáforas, Kövecses sugere que todos os domínios-alvo conceptualizados em termos de construção podem ser entendidos como *sistemas complexos abstratos* (segundo sua definição, domínios não físicos, com muitas partes que interagem entre si de modo complexo). A partir disso, generaliza suas observações sobre esse conjunto de metáforas, propondo uma metáfora mais abrangente – SISTEMAS ABSTRATOS COMPLEXOS SÃO CONSTRUÇÕES –, que englobaria todos os casos especificados acima.

Resumidamente, a ideia de Kövecses é que os domínios-fonte metafóricos parecem ter um certo espaço de aplicação (alguns têm um amplo escopo, aplicando-se a vários domínios-alvo; e outros têm um escopo mais restrito). Contudo, sua hipótese é que, independentemente da abrangência do escopo de um determinado domínio-fonte, a sua seleção impõe um *foco principal de sentido*, ou seja, cada domínio-fonte ilumina apenas um ou um número limitado de aspectos do alvo. Sua análise objetiva mostrar que a seleção do domínio-fonte CONSTRUÇÃO, por exemplo, seja qual for o domínio-alvo envolvido, demonstra uma preocupação com a criação de um sistema abstrato estável e, no caso do FOGO, a seleção indica uma preocupação com a intensidade da situação.

Esse foco principal de sentido é, segundo Kövecses, constituído pelo conhecimento central sobre uma determinada entidade ou evento dentro de uma comunidade de fala. Com isso, Kövecses defende que a contribuição de um domínio-fonte para um domínio-alvo é composta de material conceptual convencionalmente predeterminado por uma comunidade de fala, e não de material aleatoriamente selecionado.

A projeção do foco principal de sentido no alvo é feita através daqueles que Kövecses chama de *mapeamentos centrais*. Como vimos, as metáforas conceptuais

pressupõem um conjunto de correspondências ontológicas entre fonte e alvo. A sugestão de Kövecses é que, dentre todos os mapeamentos que ocorrem, alguns são mais centrais do que outros. No caso da metáfora SISTEMAS ABSTRATOS COMPLEXOS SÃO CONSTRUÇÕES, as correspondências fonte-alvo podem ser visualizadas da seguinte maneira:

FONTE	ALVO
(a) construção	→ sistema complexo
(b) construir	→ criar ou desenvolver um sistema
(c) as fundações da construção	→ as bases do sistema
(d) o construtor	→ o criador do sistema
(e) a força da construção	→ a estabilidade ou força do sistema
(f) a estrutura física	→ a estrutura abstrata

Como o foco principal de sentido dessa metáfora é a construção de um sistema forte e estável, Kövecses reconhece como seus mapeamentos centrais: (b) construir → criar ou desenvolver um sistema; (e) a força da construção → a estabilidade ou força do sistema; (f) a estrutura física → a estrutura abstrata. Assim, os mapeamentos centrais são aqueles que projetam no alvo o foco principal de sentido da fonte. Em seu estudo, Kövecses identifica quatro importantes características dos mapeamentos centrais:

(i) Conceptualmente, eles promovem o surgimento de outros mapeamentos, mapeamentos entre constituintes básicos ou vínculos metafóricos;

(ii) Culturalmente, eles refletem as principais preocupações humanas em relação ao domínio-fonte em questão (p.ex. construir uma casa forte/resistente);

(iii) Quanto à motivação, eles são os mais experiencialmente motivados – tanto cultural como fisicamente;

(iv) Linguisticamente, eles dão origem às expressões linguísticas que dominam a metáfora.

Seguindo essa proposta de Kövecses, uma pesquisa sobre o uso metafórico do léxico da morte no Português do Brasil (SAMPAIO, 2007), constatou que o uso metafórico das unidades lexicais do campo semântico da Morte apresenta um foco principal de sentido, qual seja, "o fim". Especificamente, nas projeções analisadas,

verificou-se que a Morte é conceptualizada como o fim de uma escala de intensidade (*Ela **morre de medo** de se separar*), o fim da existência de uma entidade (*Meus guias afirmam que **as religiões** vão **morrer** porque estão dividindo as pessoas*), o fim da atividade (*Marcus pensou em dar ré ou em inventar que **o carro tinha morrido***) e o fim da presença (*Isso não significa que **o PC esteja morto**. As vendas mundiais chegam a 200 milhões de unidades*).

Certamente, os resultados obtidos no citado estudo não representam uma confirmação definitiva da hipótese de Kövecses (2002) sobre o escopo da metáfora e seu foco principal de sentido. Contudo, esse estudo indica que a hipótese merece ser testada e que a investigação da metáfora nessa nova perspectiva pode ajudar a revelar instigantes aspectos do nosso sistema conceptual.

### **O papel das projeções figurativas no ensino de língua materna**

As questões aqui discutidas acerca do importante papel de projeções figurativas como a metáfora e a metonímia nos estudos sobre a linguagem não configuram exatamente uma novidade. Como vimos, os textos precursores dessa nova abordagem – Reddy (1979) e Lakoff; Johnson (1980) – estão completando três décadas. Contudo, não é difícil verificar que a visão tradicional de metáfora ainda persiste no meio acadêmico e, especialmente, no âmbito do ensino de língua materna. Nessa visão, a linguagem figurada é considerada a linguagem tipicamente poética; característica que serviria, inclusive, de diferenciação básica entre a linguagem cotidiana e a linguagem literária.

Via de regra, quando as projeções figurativas, como a metáfora e a metonímia, são levadas para a sala de aula (o que só acontece raramente, já que os professores estão normalmente preocupados em trabalhar os conteúdos “mais importantes”), não são tratadas como projeções conceptuais. De fato, o tratamento reservado à metáfora e à metonímia é um tratamento formal, que não ultrapassa o limite (extremamente raso) da metáfora e da metonímia linguística. Ou seja, o aluno é treinado para reconhecer metáforas/ metonímias linguísticas, em exercícios como o que vemos a seguir.<sup>86</sup>

1- Nas frases abaixo identifique as metáforas:

- a) “As moças eram tentadoras frutas maduras.” (Castro Alves)
- b) “...ele era triste ainda no descampado, no sertão da vida.” (Guimarães Rosa)
- c) “O sol implacável era um chicote no lombo.” (Jorge Amado)
- d) “O mundo é um búzio oco.” (Mário Quintana)

No gabarito oferecido, encontramos a seguinte resposta para o exercício:

- a) Moças = tentadoras como frutas maduras
- b) Descampado = sertão da vida
- c) Sol implacável= chicote no lombo
- d) Mundo = búzio

Esse tipo de abordagem, como já afirmamos, baseia-se na concepção de metáfora como comparação. Essa é, inclusive, a (única) concepção que aparece no dicionário Houaiss (2002), por exemplo. Este dicionário define metáfora como a “designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança”. Esta concepção é, ainda, como afirmamos, a que predomina na abordagem da metáfora no âmbito do ensino, como demonstram as duas definições abaixo, retiradas de duas gramáticas bastante usadas no Ensino Médio.

Metáfora. É o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos (CEGALLA, 1997, p.554).

A metáfora ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém nenhuma relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo (PASQUALE; ULISSES, 1999, p.533).

Considerando essas definições e o exemplo de atividade acima apresentado, cabe a indagação: será que a relação de *semelhança* é suficiente (ou até mesmo válida) para explicar a metáfora linguística que aparece em “*As moças eram tentadoras frutas maduras*”, por exemplo?

Na verdade, ao não ultrapassar o nível da metáfora linguística, o professor deixa inexplorado um mundo de possibilidades no trato da linguagem em sala de aula, pois, como afirma Miranda:

a metáfora não é uma mera figura de linguagem e sim um processo cognitivo genérico, presente em nosso pensamento e em nossa ação cotidianos e manifesto em qualquer forma de discurso. Assim, vamos

encontrá-la nos bate-papos e nos discursos retóricos sofisticados, na poesia e na tese de doutorado, na piada e no texto médico, no texto didático, no texto técnico [...] (MIRANDA, 2006)

De fato, o professor não precisaria ir muito longe para, junto com seu aluno, chegar à metáfora conceptual que está por trás da metáfora linguística “moças como tentadoras frutas maduras”. O que temos nesse exemplo é uma instanciação da metáfora conceptual DESEJO É FOME; uma metáfora que não ocorre somente no Português e que aparece, inclusive, na *Master Metaphor List*, que é, como afirmam seus idealizadores, uma tentativa de compilar em um único lugar os resultados das pesquisas sobre metáfora, desde a publicação de “A metáfora do conduto” (REDDY, 1979) e “Metaphors we live by” (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Esta compilação, em inglês, está disponível na internet ([http://araw.mede.uic.edu/~alansz/metaphor/METAPHORLIST.pdf /](http://araw.mede.uic.edu/~alansz/metaphor/METAPHORLIST.pdf/)).

Assim, muito mais interessante do que a identificação dessa metáfora linguística em um exemplo isolado é o reconhecimento da metáfora conceptual que subjaz a ela e uma análise de como tal metáfora se manifesta em nossa língua e, mais importante, o que ela revela sobre nossa cultura. Numa pesquisa rápida e simples, os alunos poderiam verificar que seus pais ou avós se referiam às meninas atraentes usando palavras como *uva* ou *docinho*. E que um rapaz atraente, por sua vez, era considerado um *pão*. Por outro lado, será difícil encontrar entre os adolescentes alguém que nunca tenha usado palavras como *gostosa(o)*, para adjetivar uma pessoa do sexo oposto. Ao propor esse tipo de tratamento para projeções figurativas como a metáfora, o professor aproxima o aluno da língua que ele fala, da língua na qual ele expressa seus pensamentos, suas crenças, seus sentimentos, sua cultura.

Em aula ministrada em curso de especialização para professores de Língua Portuguesa, verificamos que a maioria dos educadores nunca tinha ouvido falar dessa *nova* concepção de metáfora e sequer questionavam a concepção tradicional. Tal desconhecimento terá certamente um impacto negativo no trabalho com linguagem na sala de aula, se considerarmos que estudos desenvolvidos na área revelam que nossas conceituações básicas da experiência são majoritariamente figuradas e determinam nossa maneira de pensar criativamente e de expressar nossas ideias, seja no discurso cotidiano ou no literário.

Nesse sentido, levar essa *nova* abordagem para as salas de aula é oferecer ao aluno uma nova possibilidade de compreender como o seu modo de falar sobre o mundo revela aspectos relevantes acerca do seu modo de conceber o mundo. Por conseguinte, ignorar os avanços da pesquisa na área significa perder uma oportunidade preciosa de estimular a discussão sobre a rica relação entre linguagem, sociedade, cultura e cognição.

## Referências

BARCELONA, A. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: \_\_\_\_\_. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Berlin. New York: Mouton de Gruyter. 2003a. p.1- 28.

\_\_\_\_\_. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: \_\_\_\_\_. *Metaphor and Metonymy at the Crossroad*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003b. p.31-58.

CROFT, W.; CRUSE, D.A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

GRADY, J. *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. PhD dissertation at the Univ. of California, Berkeley, 1997.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G. *Women, Fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

\_\_\_\_\_. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.) *Metaphor and thought*. 2<sup>nd</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G.; JOHNSON M. *Metaphors we live by*. Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 1980 [2002].

\_\_\_\_\_. *Philosophy in the flesh. The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LEEZENBERG, M. *Contexts of Metaphor*, Amsterdam: Elsevier Science Ltda, 2001.

MIRANDA, N. S.; SANTOS, T.M.B. (colaboradora); Del-Gaudio,S.M.A. (colaboradora) *Reflexão metalinguística no ensino fundamental*. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG -Coleção Alfabetização e Letramento, 2006. v. 1. 114 p.

RADDEN, G. How metonymic are metaphors?. In: BARCELONA, A. (ed.) *Metaphor and Metonymy at the Crossroads*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. 93-108.

REDDY, M. J. The conduit metaphor – a case of frame conflict in our language about language, In: ORTONY, A. (Org.). *Metaphor and thought*. Nova York, Cambridge University Press, 1979.

SAMPAIO, T. F. *O uso metafórico do léxico da Morte*. Juiz de Fora, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora.